Jornalismo

Para leigos

RASCUNHO

Udo Simons e Heródoto Barbeiro

ALTA BOOKS
EDITORA
Rio de Janeiro, 2018

Sumário Resumido

Introdução 1

Parte 1: Senta que lá vem a história 7

CAPÍTULO 1: Ser (ou estar) jornalista 9
CAPÍTULO 2: O jornalismo decifra (e devora) 25
CAPÍTULO 3: Pragas e Pecados 31
CAPÍTULO 4: Profissão Perigo 37

Parte 2: Artilharia da liberdade 47

CAPÍTULO 5: Tenho uma informação exclusiva. E agora? 49
CAPÍTULO 6: Olhar para a vida. O click sobre a morte 59
CAPÍTULO 7: Lado a lado dos Direitos Civis 65
CAPÍTULO 8: O pensamento é livre 81

Parte 3: A palavra é um ser vivo 97

CAPÍTULO 9: A arte da entrevista 99
CAPÍTULO 10: O texto 109
CAPÍTULO 11: Eu estou jornalista 133
CAPÍTULO 12: Jornalismo é um processo 143

Parte 4: Hoje já não é mais ontem 153

CAPÍTULO 13: A revolução das máquinas 155
CAPÍTULO 14: Samba de uma nota só 187
CAPÍTULO 15: Meu malvado favorito 195
CAPÍTULO 16: O Diretor de Jornalismo 205

Parte 5: De olho na mídia 213

CAPÍTULO 17: A isenção por princípio 215
CAPÍTULO 18: Ética 229
CAPÍTULO 19: A senhora medição 243

Parte 6: A Parte dos Dez 257

CAPÍTULO 20: Dez livros sobre jornalismo 259
CAPÍTULO 21: Dez filmes em que o jornalismo é o protagonista 265

Parte 7: Apêndices 269

APÊNDICE A: Ainda há vida nas redações 271
APÊNDICE B: Pra que ser hermético. O que é o que é 277

Índice 283

RASCUNHO

Sumário

INTRODUÇÃO 1
Sobre Este Livro 1
Convenções usadas neste livro 2
Pensamos que... 3
Ícones usados neste livro 3
De lá para cá. Daqui para Lá 4

PARTE 1: SENTA QUE LÁ VEM A HISTÓRIA 7

CAPÍTULO 1: **Ser (ou estar) jornalista** 9
Afinal, o que é jornalismo? 10
O que é preciso para ser jornalista? 12
Tempos modernos e seus novos paradigmas 13
Ser jornalista é... 14
Boas escolas de jornalismo são fundamentais 16
O Clark Kent 19
A necessidade de se calçar as sandálias da humildade 22
Avesso aos holofotes 23
Conexão direta com os fatos 23
Jornalismo está longe de ser uma prática diabólica 24

CAPÍTULO 2: **O jornalismo decifra (e devora)** 25
O interesse público 26
A Casa das Máquinas 27
A notícia corre nas veias 28

CAPÍTULO 3: **Pragas e Pecados** 31
Mentira tem pernas curtas 32
Pela audiência 33
O caso Jayson Blair 34

CAPÍTULO 4: **Profissão Perigo** 37
Flerte com a morte 38
"Temo pelos meus companheiros. Temo por mim" 39
Corrupção, um mal ativo 39
Grito internacional contra a violência 40
As vozes caladas pelo Brasil 41
O Caso Tim Lopes 41
À Sangue Frio 42
Cobertura sem cobertura 43

RASCUNHO

O alvo agora são os Netizens 44
Você sabe com que está falando? 46

PARTE 2: ARTILHARIA DA LIBERDADE 47

CAPÍTULO 5: **Tenho uma informação exclusiva. E agora?** 49
O dilema cotidiano na apuração dos fatos 50
Dever de investigar 52
Livros-Reportagens 53
New Journalism 56
Os Sertões 57

CAPÍTULO 6: **Olhar para a vida. O click sobre a morte** 59
Sob o olhar de uma ave de rapina 60
A vida não para. Às vezes, quase se repete 61
É possível deixar a emoção em casa? 62

CAPÍTULO 7: **Lado a lado dos Direitos Civis** 65
Minha história com o Carandiru, flashback pelo coautor HB 66
Cid Barbosa, o repórter 67
Outro tempo de cobertura jornalística 68
A urgência da apuração 69
Tragédia anunciada por todos os meios de comunicação 70
A mídia acompanha seus desdobramentos: Parque da Juventude . 71
O sistema prisional brasileiro uma pauta constante 72
Estatísticas ajudam a notícia 73
A frieza dos números não revela a dor humana, o jornalismo sim 74
Quando a morte se torna mais atraente 75
O limite da dignidade humana no noticiário 76
Mundo afora 77
Livros&Filmes sobre o Massacre do Carandiru 77

CAPÍTULO 8: **O pensamento é livre** 81
O "Orelhão" do leitor 82
Representante do Povo 82
A Ombudsman dá voz aos descontentes 84
Cortando a própria carne 85
Quem manda na comunicação 86
As vozes oficiais 87
Aos fatos, transparentes e exatos 89
O que resta sem credibilidade? 91
Calar os jornalistas é calar a Democracia 91
Procura-se um Diretor (por anúncio nos classificados) 93
A BBC e a prática do jornalismo público 94
O jornalismo e ativismo 94

RASCUNHO

PARTE 3: A PALAVRA É UM SER VIVO 97

CAPÍTULO 9: **A arte da entrevista** 99
Isso é uma batalha? Que nada! É uma entrevista 100
A vida tintim por tintim 101
Entrevista não é debate 102
Pelo público 103
Um certo algo 103
"Quebra-queixo" 104
Diferencial competitivo e informativo 105
Coliseu jornalístico 106

CAPÍTULO 10: **O texto** 109
Escreva o texto e alcance o alvo: seu leitor 110
Das "invasões" ao vivo ao "sanduiche-iche", perigos no ar 111
Sobrevivendo às armadilhas da leitura em tempo real 113
Contra o "efeito manada" 114
Redações à beira de um ataque de nervos 115
A leitura horizontal da informação e seu tempo no cotidiano 117
Sejamos simples, didáticos, ainda que isso seja difícil 117
Repetir não quer dizer redundar 119
Como é que se diz ou se escreve mesmo? 120
Nossa língua portuguesa 122
O segredo da edição 123
Edição equilibrada 124
Redação no mundo online x offline 125
Search Engine Optimization (SEO) e Link Building 127
Link Building 128
Ao quizz: 130
Resolução dos Enigmas 131

CAPÍTULO 11: **Eu estou jornalista** 133
Por todos os lados, informação (mas nem tudo são flores) 135
Do outro lado do balcão 137
E jornalista pode ter time do coração? 138
Gol de placa 139
Sem atravessar o samba-enredo 140

CAPÍTULO 12: **Jornalismo é um processo** 143
Quem são eles? Seres alienígenas? Amigos? Troca letras? 144
Como setor econômico, o jornalismo mudou 145
Idade da pedra lascada 148
O mito do sabe tudo 149
Relações perigosas 150
Onde entra o media training? 151

RASCUNHO

PARTE 4: HOJE JÁ NÃO É MAIS ONTEM 153

CAPÍTULO 13: **A revolução das máquinas** 155
Jornalismo 4.0 157
Incertezas e interesses 157
Tudo muda em 24 horas 159
Procura-se uma janela de oportunidade para o jornalismo 162
A revolução é móvel 164
Se especializar é recomendável 166
O noticiário não para 167
Fact Checking 168
Fake News em tempos de revolução 170
É preciso estar atento 172
As atuais Donas Juventinas 173
O futuro pode ser bem pior. Aí veem as deepfake news 174
Em quais mãos estamos? 177
Fora do tempo da Lava-Jato 178
O cipoal das marcas, a atomização da notícia 180
O surgimento do prossumidor 181
Tio Sam na berlinda 182
Bye bye, so long farewell, Correios 183
O futuro é hoje 184

CAPÍTULO 14: **Samba de uma nota só** 187
Mas afinal, o que é paradigma? 188
Está tudo conectado 189
Gordon Moore não estudou jornalismo 190
Jornalismo se faz em equipe 191
Jornalismo em qualquer lugar, a qualquer hora 191
Cemitério de elefantes 193

CAPÍTULO 15: **Meu malvado favorito** 195
Em busca da harmonia 196
Lá vêm elas (que bom) 196
A Copa da Rússia em 2018 e as primeiras narradoras de futebol . 197
A matéria subiu no telhado ou caiu? Foi engavetada! 198
É preciso ser diferente 199
A qualquer segundo, tudo pode mudar 200
O dia do atentado no Bataclan 201
A urgência da notícia 202
Não esqueçamos o Editor-Executivo 203
Pioneira no jornalismo de tevê 204

CAPÍTULO 16: **O Diretor de Jornalismo** 205
Lidando com o cipoal de egos 206
"Corrida Maluca" pela notícia 207
A informação vazada 208
Cada um no seu quadrado 210

RASCUNHO

Adeus sem mágoas 211
Feedback é bom 211

PARTE 5: DE OLHO NA MÍDIA 213

CAPÍTULO 17: A isenção por princípio 215
Direitos e Deveres dos jornalistas 216
Órgãos de imprensa e seus códigos de ética particulares 217
Liberdade de Imprensa 221
Conduta do setor jornalístico mundo afora 222
Apesar das famílias e magnatas 224
Em terra Brasilis 226
Domínio Alemão 227

CAPÍTULO 18: Ética 229
A teoria da carroça ou a ética no jornalismo 231
O Perigo do CTRL C, CTRL V 232
Mas, afinal, o que é ética? 233
Ser ético é ser bonzinho? 234
Atitudes desejadas 236
No que eles se parecem 238
Brasil 238
Estados Unidos 238
Portugal 239
Inglaterra 239
Austrália 239
Comunidade Europeia 239
Suécia 240
Ainda sobre notícias falsas e ética 240

CAPÍTULO 19: A senhora medição 243
De olho no Ibope 244
Medição on-line 246
O concorrente chegou – GfK, mas já foi embora 246
De orelha na audiência 247
Como setor econômico, o jornalismo mudou 247
De repente o meio do dial 249
Fraude eleitoral 250
Rádio Jornal do Brasil 251
Jornalismo também se segmenta 252
O pioneirismo do rádio 252
A vez da segmentação online 253
O retorno do JB 254

RASCUNHO

PARTE 6: A PARTE DOS DEZ 257

CAPÍTULO 20: **Dez livros sobre jornalismo** 259

Manual de Jornalismo (Campus/Elsevier, 2014). 260
A Regra do Jogo (Cia das Letras, 1988) 261
Shownalismo: A Notícia como Espetáculo (Casa Amarela, 2001) . . 261
Mentira e Caradurismo na Imprensa no Reinado de FHC (Cásper Líbero, 1999) 261
A Sangue Frio, de Truman Capote (Cia das Letras, 1965) 261
Ética da Informação, de Daniel Cornu (EDUSC, 1998) 262
Como Escrever Bem (Três Estrelas, 2017) 262
Anjo Pornográfico (Companhia das Letras, 1992). 262
A Revista de Jornalismo ESPM. 262
Notícias do Planalto: a imprensa e Fernando Collor, de Mário Sérgio Conti (Cia das Letras, 1999). 263

CAPÍTULO 21: **Dez filmes em que o jornalismo é o protagonista**. 265

A Fogueira das Vaidades (Brian de Palma) 266
A Montanha dos Sete Abutres (Billy Wilder), é um clássico 266
A Síndrome da China (James Bridges) 266
Boa Noite, Boa Sorte (G. Clooney) 267
Spotlight: Segredos Revelados 267
Todos os Homens do Presidente. 267
Cidadão Kane, de Orson Welles. O filme é um ícone. 267
A Hora da Vingança 268
Quase famosos 268
O Jornal 268

PARTE 7: APÊNDICES 269

APÊNDICE A: **Ainda há vida nas redações** 271

APÊNDICE B: **Pra que ser hermético. O que é o que é** 277

ÍNDICE 283

RASCUNHO

1

Senta que Lá Vem a História

RASCUNHO

NESTA PARTE...

O jornalismo é um ofício que exige dedicação, empenho, persistência. Muitas vezes, o jornalista é vítima de perseguição. Em outras ocasiões, é acusado de agir sobre interesses de grupos econômicos, políticos ou sociais. Alguns o acham uma celebridade. Outros acreditam que são "urubus", voando sobre a carniça, à espreita. Nesta parte, explicamos um pouco a dor e a delícia de ser um profissional da informação.

RASCUNHO

NESTE CAPÍTULO

» Pensando o jornalismo

» O mítico Clark Kent

» Estudar é preciso (e desejável)

» O imbróglio da exigência do diploma para se exercer a profissão

Capítulo 1

Ser (ou Estar) Jornalista

RASCUNHO

Jornalismo é separar o joio do trigo e publicar o joio

MARK TWAIN

Muito se fala sobre o jornalismo. Diversas são as opiniões, reflexões, ideias a respeito dessa atividade. A busca da verdade? Uma investigação minuciosa de fatos ocorridos? A revelação de acontecimentos inéditos? Sim. Responder afirmativamente a essas questões é maneira possível para descrever, definir, o jornalismo. Mas, não, essa resposta não dá conta da complexidade da profissão. Tampouco as perguntas feitas cobrem a amplitude do jornalismo. Muito menos nesses anos de sua mudança como atividade econômica.

Dos tempos de seu surgimento por essas pradarias, em um Brasil colonial, para a sua prática em um mundo mediado por relações virtuais, o fazer jornalismo tornou-se mutante. Mas não entenda essa mutação como nos filmes da megafranquia de Hollywood dos X-Men. Aqui não há brigas entre o bem e o mal. Inexistem super-heróis ou semideuses. Na seara jornalística, o humano é variável significativa. Um fiel da balança. Quanto mais se ouve o outro, quanto

menos se julga previamente e investe-se em conhecer os fatos, mais espaço surge para o fazer jornalístico. Mais informação de qualidade é gerada, e muito mais assuntos são abordados, possibilitando a compreensão do que nos cerca. Mas não pense que isso é algo simples.

PAPO DE ESPECIALISTA

Jornalistas convivem com dilemas cotidianamente. A liberdade de expressão e as diversidades dos meios de informação abrem espaço para que muitos publiquem algo que se pretende verdade. Apurar os fatos é premissa da prática jornalística.

A busca pela verdade é um dilema clássico da profissão. Afinal, o que é verdade? Essa palavra, há séculos, desafia a compreensão humana. Seu exercício implica em emissão de opinião, comprometer-se com afirmações, com o pensamento, com o outro. Mas o que pode ser verdade para uns, por vezes, é pura falácia para outros. Identificar fatos é mais simples e objetivo do que estabelecer a veracidade deles, pois isso está relacionado com a eliminação de dúvidas. É mais fácil distinguir acontecimentos de ficção do que reconhecer uma mentira bem elaborada, a despeito de suas pernas curtas.

Essas questões aparentemente restritas ao âmbito filosófico são variáveis presentes no dia a dia de quem trabalha com informação; portanto, sempre atuais. Apesar de estarmos longe de ser Descartes e, a anos-luz de Sócrates, refletir sobre elas é importante, mesmo sem se estabelecer uma resposta imediata.

Afinal, o que É Jornalismo?

Quando o genial escritor norte-americano Mark Twain escreve: *Os jornalistas separam o joio do trigo e publicam o joio*, faz acreditar que o jornalista divulga apenas a má notícia. Isso não é verdade. Também publicamos notícias ruins para aumentar o Ibope, a venda de jornais, #sóquenão. Para Twain, os jornalistas publicam o que a sociedade desconhece, algo inédito e de interesse público.

Todo jornalista quando sai para trabalhar pela manhã (e como trabalha), está atrás de notícias que nunca foram publicadas, muitas vezes chegam à noite, em casa, sem ter conseguido nenhuma notícia de relevância. Faz parte da profissão, fazer o quê?

CUIDADO

O jornalista, com ou sem diploma, é operador de uma atividade social importante, contribuindo para o desenvolvimento e a consolidação da democracia. É elogiado e perseguido. Depende do grau de democracia e segurança jurídica do local em que vive.

RASCUNHO

Jornalismo é:

- Informar a sociedade corretamente.
- Apurar as informações antes de as publicar.
- Perseguir sempre a isenção e a ética.
- Descobrir o interesse público das notícias.
- Presumir o direito de inocência em suspeitos de toda ordem.
- Tratar as fontes com respeito, mas sem submissão.
- Não se intimidar com entrevistados poderosos.
- Ser transparente em opiniões e editoriais.
- Saber que o limite da informação é a violação dos direitos humanos.

No box, listamos algumas características do jornalismo, mas há outras maneiras para se definir a profissão. Pedimos licença e registramos a visão de alguns importantes nomes do jornalismo e personalidades que viveram por anos sob o escrutínio da imprensa.

A ética deve acompanhar sempre o jornalismo, como o zumbido acompanha o besouro

GABRIEL GARCÍA MARQUES

Liberdade de imprensa é a possibilidade de um dono de uma determinada empresa divulgar tudo aquilo que quiser

CLÓVIS ROSSI

A imprensa pode provocar mais danos do que a bomba atômica. E deixar cicatrizes no cérebro

NOAM CHOMSKY

A imprensa é feroz. Não perdoa nada. Só dá destaque aos erros. Cada intenção é deturpada; cada gesto, criticado

PRINCESA DIANA

Eu não preciso ler jornais/Mentir sozinho eu sou capaz

RAUL SEIXAS

RASCUNHO

O mais importante na comunicação é ouvir o que não foi dito

PETER DRUCKER

Deve-se exigir de mim que procure a verdade. Não que a encontre

DIDEROT

O trabalho da imprensa não pode ser confundido com programa de auditório

LUÍS GARCIA

A imprensa não é a água que passa pelo cano; é o próprio cano

GRAMSCI

Jornalismo é oposição, o resto é armazém de secos e molhados

MILLÔR FERNANDES

Jornalismo é o exercício cotidiano da inteligência e a prática diária do caráter

CLÁUDIO ABRAMO

Udo, posso acrescentar uma citação minha?

Pode, HB. Eu sabia que seu ego não iria resistir.

Ah, então, lá vai:

Jornalismo é contar para uma parte da sociedade o que a outra parte está fazendo

HERÓDOTO BARBEIRO

RASCUNHO

O que É Preciso para Ser Jornalista?

Conformar-se de que só vai ficar rico se casar-se com a filha, ou filho, do dono. Do contrário...

Enriquecer a partir do suado salário mensal da labuta jornalística é feito singular, realidade conquistada por pouquíssimos. Até é possível viver dignamente (ser da classe média, sabe?!), mas se a ideia é comprar aquela casa de praia em um local paradisíaco, morar em uma luxuosa cobertura ou fazer

viagens internacionais de classe executiva, esqueça prontamente. É delírio. Não vai acontecer exercendo a profissão no Brasil.

Muitos, talvez, podem se frustrar com essa condição. Mas, antes de comprar gato por lebre, não custa nada reforçar. O fato de os jornalistas terem acesso a ambientes exclusivos, encontrarem pessoas famosas, experimentarem comidas exóticas, serem articulados, não faz deles pessoas ricas economicamente.

CUIDADO

Todo o acesso do jornalista a lugares exclusivos, em certa medida privilegiados na sociedade, acontece por um só motivo, a busca da informação, a apuração dos fatos para a compreensão dos acontecimentos.

LEMBRE-SE

São precisos dedicação, responsabilidade, capacidade de análise, habilidade para construir narrativas claras e lógicas sobre os episódios do cotidiano, independentemente de onde ocorram. Se na favela ou nos salões nobres dos palácios do poder político.

CUIDADO

"Pau que bate em Chico, bate em Francisco." A lei que vale para um vale para todos. O jornalista precisa buscar isenção e exercer sua atividade livre de condições e interesses econômicos, sociais, ideológicos. Não que isso seja fácil. Afinal, somos todos humanos.

DICA

Temos a obrigação de procurar a isenção e o interesse público, mas não de os achar. Essa sacada é de um filósofo da Revolução Francesa.

Tempos modernos e seus novos paradigmas

Atualmente, qualquer um pode ser, teoricamente, jornalista. Todo cidadão com acesso a um *gadget* de emissão de informação por texto, voz, vídeo, pode ser um difusor de notícia. Pode escrever, falar, filmar, compartilhar o que julgar relevante para a sua comunidade, para seu país. Em outras palavras, para ser jornalista é preciso se fazer ouvido, visto, lido, e saber transformar informação em notícia.

Anos atrás, só se podia fazer tudo isso quando se mantinha vínculo com alguma empresa de comunicação. Quando se fazia parte de uma equipe, da redação. Os tempos atuais quebraram esse paradigma. Facilitaram a transmissão da informação. Portanto, multiplicaram exponencialmente locais e formas de exercer as atividades jornalísticas. A forma industrial de produzir notícias mudou radicalmente com o advento da tecnologia digital.

Com o devido auxílio técnico, transmitir a notícia ficou consideravelmente mais barato, mais acessível. As grandes estruturas de produção e transmissão dos séculos passados tornaram-se obsoletas. Existem ainda, é claro. A produção de telejornais, por exemplo, requer diversas "parafernálias" para colocar o programa no ar. E envolve diversos profissionais. Com o advento do *Skype*

RASCUNHO

e do WhatsApp tudo ficou mais fácil e barato. É possível se exibir muito mais opiniões divergentes.

Uma equipe de externa tradicional ainda é algo que demanda a obstinada dedicação do núcleo de engenharia. Compreende várias pessoas em sua operação. Afinal, o link precisa ser fechado. Para isso, o carro da externa, um pequeno estúdio com equipamentos, tem de fazer contato com o satélite, ter ilhas de edição, gerador de energia e por aí vai. Isso tudo ainda é extremamente dispendioso. Só grandes empresas têm potencial econômico para garantir a melhor qualidade de todo o material necessário. Mas é bom ficar atento, o caminhão da externa também está a caminho da extinção. Seus dias estão contados. E não precisa ser nenhuma Zora Yonara (colega de rádio e astróloga) para fazer tal previsão.

Ser Jornalista É...

CUIDADO

Ou, melhor, pode não ser. Não se é jornalista. Em nossa opinião, se está jornalista.

Ser jornalista é o profissional que tem carteirinha, diploma, registro na Delegacia Regional do Trabalho, vacina contra sarampo, carteira assinada, *freelancer* (*frila* — no jargão, para ficar mais íntimo), tudo carimbado e com firma reconhecida. E, se tiver cópia, tem de ser autenticada no cartório, ora pois.

Estar jornalista é efêmero, dinâmico, perdura enquanto se estiver a serviço da democracia, do interesse público, quando se persegue a isenção, trabalhando a partir de princípios éticos. Não basta estar vinculado a uma empresa privada ou pública de notícia. Se deixar de lado qualquer dos atributos mencionados, não se está mais jornalista.

- Não se está jornalista ao fazer publicidade ou marketing de qualquer natureza.
- Não se está jornalista ao exercer a função de assessoria de imprensa.
- E, se for eleito uma excelência, deixou de exercer o ofício há muito tempo, mesmo fazendo gosto em ser chamado de jornalista *Fulano de Tal*.

E mais:

- Se está a serviço de alguma outra atividade, como pode conciliar o interesse público com o privado?

RASCUNHO

MUITO LONGE DO FIM — A QUESTÃO LEGAL DO DIPLOMA DE JORNALISMO

Deliberações legislativas e legalidade de vigência, eis o labirinto para a vigência da validade do diploma de jornalismo.

Não é de hoje que se arrasta nas instâncias mais altas dos poderes Legislativo e Judiciário a discussão da necessidade do diploma para jornalistas. Há um projeto no Congresso que quer restaurar a regulamentação da profissão. Em tempo, nas democracias maduras isso ainda existe? Essa história remonta há algumas décadas.

A exigência de se tornar bacharel em comunicação, para garantir assento nas redações brasileiras, inexistia até o final da década de 1960. Na época, para ser jornalista tinha de se demonstrar intimidade com a escrita, fluência, pensamento lógico, objetivo. Ter contato com profissionais do setor para ser informado de oportunidades de emprego, networking, como se chama hoje em dia, mas essa palavra não era parte do vocabulário daquele tempo. Tinha de ter ímpeto investigativo. Essas "facilidades" para se exercer tão celebre ofício, contudo, estavam em vias de ser mudadas. Os incautos estavam desavisados.

A obrigatoriedade de ser jornalista diplomado passaria a vigorar, de maneira bem trôpega, a bem da verdade, nos anos de 1970. A exigência, titubeante em seu começo, vingou. Ganhou força e seguiu firme pelas décadas posteriores.

O século mudou e, com o seu alvorecer, o interesse por tirar as exigidas prerrogativas para desempenhar as atividades jornalísticas voltou à baila. E, em 2009, sua existência teve forte *débâcle*. O Supremo Tribunal Federal (STF), naquele ano, derrubou sua obrigatoriedade. Cenas dos próximos capítulos, porém, estavam prestes a acontecer. A novela estava longe de um *happy end*. Ainda está.

Em 2013, o Senado agiu, alterou nossa Carta Magna. A determinação foi resposta do Congresso, que, desde o posicionamento do STF, em 2009, buscava maneiras para se posicionar frente à decisão da última instância do Judiciário.

Ao proferir sua sentença, o STF considerou o decreto-lei, que prevê sua obrigatoriedade, datado de 1969, incompatível com as determinações da Constituição. Afinal, nossa Carta Magna garante total liberdade de expressão e comunicação.

Quem é contrário a tal entendimento defende a exigência do diploma, bem como do registro profissional nas devidas instâncias, como situações que em nada comprometem o exercício da livre expressão e comunicação. Ou seja, as duas situações podem conviver harmonicamente.

(continua)

RASCUNHO

(continuação)

Enquanto nossas autoridades não chegam a um veredito, um consenso, a profissão continua existindo. Universidades continuam oferecendo o curso de formação em jornalismo. Empresas empregadoras são simpáticas à ideia de ter profissionais diplomados em seus quadros. A nós, resta aguardar pelos novos capítulos dessa saga.

Julgamos que é bom ter escolas de bom nível para ensinar jornalismo, em que se aprendem a importância e os perigos da profissão e seu comprometimento com o interesse público e a democracia. Mas nada garante que com um diploma na mão tudo isso esteja nele contido.

- É possível ser assessor de imprensa do Corinthians ou do Flamengo, pela manhã, e jornalista esportivo à tarde? Obviamente, não!!!
- Quando se apresenta um programa sensacionalista, geralmente policial, de grande audiência, aponta bandidos, manda prender, xinga a mãe do suposto bandido, não se está jornalista. Há nessa ironia a intenção de ressaltar o conflito de interesses.

LEMBRE-SE

O verbo *jornalistar* não é fácil de ser conjugado. Portanto, depois de toda nossa peroração, você ainda acha que é preciso diploma para *jornalistar*?

Boas escolas de jornalismo são fundamentais

A despeito da exigência do diploma para exercício profissional, boas escolas de jornalismo são desejáveis. E nós conhecemos várias.

CUIDADO

Bons professores, trabalhos, avaliações, pesquisas de novas mídias, estudo na nova realidade da comunicação global, tudo isso é bom. Ainda melhor é aprender a função social do jornalismo, sua contribuição à democracia, os limites éticos, alguns listados aqui, e aprender a aprender. Os que querem ser jornalistas, independentemente da idade, devem procurar as escolas não porque vão ganhar um "deproma", mas porque vão aprender. E vão gostar. Há histórias interessantes, exemplos inspiradores e personagens extraordinários.

RASCUNHO

Muitos dos professores ainda atuam na mídia, tradicional e novas mídias, e são responsáveis, em grande parte, pela boa prática jornalística no país.

Há diversos rankings e listas indicando as melhores instituições de ensino superior de comunicação social, com habilitação EM jornalismo.

O curso é oferecido em todas as regiões do país, em universidades públicas e particulares. Geralmente, há o ciclo básico de formação, com disciplinas mais genéricas, como português e teoria da comunicação. E o ciclo específico, em que se abordam técnicas da profissão, como entrevista, redação, edição de texto em todas as plataformas, com destaque para as digitais.

Há, também, as aulas práticas de *webjornalismo*, fotojornalismo, produção de jornais, telejornalismo, rádio. A oferta dessas disciplinas depende do investimento na infraestrutura física dos cursos, na construção dos estúdios e compra dos equipamentos adequados.

As novas gerações de formandos passaram a ter aulas de jornalismo digital. Ou seja, o entendimento das novas tecnologias, seu uso e composição de conteúdo para esses ambientes passaram a figurar em sala de aula. Aliás, tornaram-se protagonistas da formação. E nem sempre as aulas precisam ser nas escolas, há o ensino a distância.

CUIDADO

Faculdades de comunicação que não abordam os avanços tecnológicos em seus currículos alijam seus graduandos das mudanças de mercado. Tiram deles a possibilidade de melhor se preparar para as demandas de um mundo digital, de uma comunicação digital, seus desafios inerentes e pontes com outras formas de noticiar. Lembramos que nos cursos não se pode admitir trocar o essencial pelo periférico. Por exemplo, aprender a ler *teleprompter* não é mais importante do que debater a independência da profissão. Momento *ególego*, o coautor é professor emérito da ESPM, HB. Esse ego de HB é prodigioso.

DICA

Antes de começar o curso informe-se, tente conversar com quem já está estudando, com professores, assista a algumas aulas. Tenha certeza de sua escolha.

Como referência, listamos as 10 melhores universidades para se estudar jornalismo no Brasil em 2017. As instituições mencionadas aparecem classificadas em rankings estudantis produzidos pelo *Guia do Estudante* (da Editora Abril) e *Ranking Universitário Folha* (do Grupo Folha).

RASCUNHO

As 10 melhores universidades de jornalismo no Brasil em 2017

Listagem elaborada pelo *Guia do Estudante*, referente a 2017:[1]

1. **Universidade de Brasília (UnB)**
2. **Universidade de São Paulo (USP)**
3. **Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS)**
4. **Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis (UFSC)**
5. **Universidade Federal da Bahia (UFBA)**
6. **Universidade de Fortaleza (Unifor)**
7. **Universidade Federal do Maranhão, em Imperatriz (UFMA)**
8. **Universidade Federal do Maranhão, em São Luís (UFMA)**
9. **Universidade Federal da Paraíba, em João Pessoa (UFPB)**
10. **Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)**

Listagem elaborada pelo *Ranking Universitário Folha*, de 2017:[2]

1. **Universidade de São Paulo (USP)**
2. **Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)**
3. **Universidade Federa do Rio Grande do Sul (UFRGS)**
4. **Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)**
5. **Faculdade Cásper Líbero (FCL, São Paulo)**
6. **Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)**
7. **Universidade de Brasília (UnB)**
8. **Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS)**
9. **Universidade Federal de São Carlos (UFSC)**
10. **Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-SP)**

RASCUNHO

1 https://guiadoestudante.abril.com.br/blog/melhores-faculdades/jornalismo-conheca-as--melhores-universidades-do-curso/

2 http://m.ruf.folha.uol.com.br/2017/ranking-de-cursos/comunicacao/

Formação no exterior

Se seu interesse for fazer alguma pós-graduação, até mesmo graduação, em jornalismo, em algum outro país, lembre-se:

1. **Será exigido excelente nível de comunicação escrito e oral na língua em que o curso será oferecido**
2. **Quase todas as instituições demandam certificado de proficiência de idioma**
3. **Habilidade para entregar trabalhos dentro de prazos determinados**
4. **Boa capacidade para a realização de pesquisas**
5. **Domínio no uso de ferramentas e aplicativos de comunicação e mídia**
6. **Capacidade de identificar pautas inéditas e pertinentes**
7. **Interesse por questões de comunicação**
8. **Geralmente, há entrevistas para a seleções dos cursos (presencial ou online)**
9. **Há solicitação de redação no processo seletivo de admissão**
10. **Certo grau de familiaridade com a cultura local em que o curso será realizado**

É importante ressaltar, quase todas as instituições de ensino estrangeiras aceitam pessoas com os mais variados históricos acadêmicos e culturais. Elas acreditam que, assim, aumentam a diversidade entre seus alunos, tornando a interação em sala de aula mais diversificada.

Outros detalhes sobre como se tornar um estudante nos Estados Unidos ou em algum dos países membro da União Europeia podem ser obtidas em seus portais de informação oficiais:

- Nos Estados Unidos: USA.gov — `https://www.usa.gov/study-in-us`
- Na União Europeia: `http://ec.europa.eu/education/study-in-europe/`

O Clark Kent

LEMBRE-SE

Geralmente, a central de jornalismo é a redação — a *newsroom*. Independentemente de sua plataforma. Pode ser uma sala em um bairro residencial, um escritório em um movimentado centro comercial, uma tenda armada em meio ao deserto ou em um navio em alto-mar. Não importa onde, a redação é local de contínua recepção e difusão da informação.

RASCUNHO

FATOS EM APURAÇÃO

No passado, quando não havia toda a parafernália de microequipamentos, era fundamental o trabalho da sala de escuta existente na imprensa, principalmente em rádio e televisão, que precisam ter agilidade para a cobertura dos fatos diários, a *hardnews*. Todo mundo ouvia e via todo mundo.

As salas de escuta são compostas por equipamentos de monitoração eletrônicos, televisões, rádios, telefones e por computadores, desde seu surgimento. Um grupo de jornalistas acompanha a comunicação da polícia, dos bombeiros, dos aeroportos, da defesa civil. Esses profissionais, ao desempenhar essa função, são chamados de rádio-escuta ou apuradores. A responsabilidade deles aumentou com a profusão das *fake news*. É preciso ficar com os quatro pés atrás.

O exercício dessa função é geralmente de responsabilidade de profissionais recém-formados ou nos últimos anos de sua formação.

Por muitos anos funcionou como entrada para se trabalhar nos grandes veículos de comunicação. Pergunte a um repórter de tevê ou rádio, e, muito provavelmente, ele vai lhe dizer que, um dia, foi rádio-escuta.

A escuta mantém as redações atualizadas dos acontecimentos. Elas existem para identificar fatos ocorridos, acompanhar desdobramentos do evento, para dar uma espiadinha no trabalho da concorrência. Ela agiliza a informação e facilita a vida para os repórteres de rua. Para que cheguem mais rápido ao local do fato e mais bem informados. Tem função, ainda, de contradizer alguma informação malfalada por uma fonte oficial. É uma função de checagem.

Com o passar dos anos, cresceu a percepção entre os donos do poder sobre a dificuldade em se esconder fatos. Sobretudo aqueles que afetam a vida cotidiana da população nas cidades. Para evitar danos institucionais desproporcionais, órgãos públicos e empresas aprimoraram seus departamentos de comunicação. Contrataram jornalistas, relações-públicas, publicitários e adequaram seu relacionamento com a imprensa.

Se no passado as empresas, públicas ou privadas, tinham poucos canais de comunicação com os jornalistas, ou mantinham um relacionamento desconfiado, difícil e conflituoso, de meados dos anos de 1980, quando começam a surgir as assessorias de imprensa país afora, profissionalizando esse segmento da comunicação, ficou evidente que é melhor se antecipar a cobertura jornalística. Ter o mínimo de controle sobre o repasse da informação. As assessorias, ao invés de esconderem um problema, entenderam que é melhor para as empresas divulgar os detalhes do fato ocorrido e seus desdobramentos antes que os jornalistas descubram o que estavam tentando esconder.

RASCUNHO

Para quem mora em uma megacidade, como São Paulo, todos saíram ganhando com o desenvolvimento dos departamentos de comunicação, principalmente dos órgãos públicos, prestadores de serviços essenciais à vida em sociedade.

A cidade que nunca dorme pode amanhecer completamente travada em suas ruas. Milhares de pessoas podem estar literalmente paradas em congestionamentos gigantescos por suas principais avenidas. Tudo por conta de uma batida, um semáforo sem funcionar, a queda de uma árvore.

Quem sai pela manhã de casa precisa saber o que vai encontrar em seu caminho. Para a companhia que administra o metrô, por exemplo, é muito melhor avisar a imprensa de um possível problema para a mídia fazer o devido alerta do que ficar esperando, impávido colosso, as plataformas das estações ficarem abarrotadas de passageiros irritados com a falha no serviço.

Em tempos de comunicação online, os rádio-escuta também monitoram informações publicadas em sites, redes sociais, blogs. Esse monitoramento, contemporâneo, é disseminado por qualquer redação, de meios eletrônicos e impressos.

Nos grandes veículos, elas são amplos salões, sem divisórias, onde todos se comunicam, só faltava não se falarem. Nelas, jornalistas trabalham em computadores, editando reportagens, escrevendo textos, falando ao telefone, mandando mensagens, gravando *offs* e, mais recentemente, com o auxílio da tecnologia, gravando vídeos ou transmitindo informações ao vivo. Ai, que saudade do tempo da máquina de escrever, do telex e dos gravadores de fita k-7, #sóquenão.

Grosso modo, é na redação que trabalha Clark Kent, jornalista do *Planeta Diário* (*Daily Planet*), alter ego do Super-Homem. O mítico homem de aço e seu outro eu, materializado na figura de um bem-comportado repórter, apaixonado por sua colega de trabalho Louis Lane, tornou-se metáfora do jornalista super-herói. Alguém com capacidade para mudar o mundo. Combater injustiças, vilões e malfeitos.

- Mas será a síndrome de Clark Kent verdadeira?
- Seriam os jornalistas seres superiores?
- Será que jornalistas são super-heróis?

DICA

Achamos que não. Para começo de conversa, jornalistas sequer são tão anônimos assim. Sua identidade está diretamente relacionada a suas reportagens, produções realizadas, edições finalizadas. Mesmo sendo essa identidade um pseudônimo, trabalho de jornalista é assinado. E tem mais.

RASCUNHO

CUIDADO

Jornalistas precisam ser humanos, não pretensamente superiores ou inferiores a tal condição. Jornalistas são cronistas de seu tempo, relatam atividades humanas, ações que tenham impacto para a vida humana, direta ou indiretamente. Dessa forma, como profissionais, precisam ter vivido, ter empatia, interesse, curiosidade pelo outro, seja lá o que for esse outro.

Jornalistas não são super-heróis, tampouco superprofissionais. São profissionais como qualquer outro, com direitos e deveres mediados pela cidadania. Está impedido de dar "carteirada", usar de suas prerrogativas profissionais para obter vantagens; urrar: "Você sabe com quem está falando?"; grunhir: "Eu trabalho para o programa de maior audiência, local, regional, nacional." Tampouco, pode se disfarçar com o intuito de obter informação sem revelar, a quem cruza seu caminho, seu verdadeiro objetivo naquela interação. Invadir lugares sem as devidas autorizações também são ações passíveis de questionamento.

DICA

A prática do jornalismo em democracias, como a brasileira, é assegurada por lei. E a lei vale para todos. Tanto para jornalistas de meia-idade, como Udo, mais velhos como HB, como para a moçada de tênis, roupa da hora, barba, mochilas enormes, vocabulário atualizado, cabelo vermelho ou azul. Todos têm os mesmos limites e objetivos: informar corretamente, com princípios éticos; muitos deles sugeridos ao longo deste livro.

A necessidade de se calçar as sandálias da humildade

Só existe bom jornalismo em nações democráticas. Isto é premissa. Como disse a ativista comunista alemã Rosa Luxemburgo, democracia é respeitar a opinião do próximo. Mesmo a democracia brasileira sendo muito jovem, o ambiente jornalístico é plural e estabelecido. Opiniões contraditórias, diversas, exóticas são bem-vindas. Quanto mais diversas, aliás, melhor, ainda que ninguém esteja a salvo dos comentários nas redes sociais.

LEMBRE-SE

Governos centralizadores, autoritários, teocráticos criam um contexto desvirtuado para o ambiente da informação. Noticiar requer autorização de dirigentes. De elites governamentais e militares. O debate nesses modelos sociais não é amplo, sequer franco. Nesses locais está cerceada a liberdade de expressão. Está calada a voz da imprensa livre. Do questionamento, da investigação, do contraditório.

CUIDADO

O jornalista deve saber que sua missão não é fazer a cabeça de quem quer que seja. Seu exercício profissional é apurar corretamente os fatos e publicá-los para o público ter elementos necessários para fazer a própria análise e desenvolver seu espírito crítico, independente.

Nesse caminho, o jornalista precisa ser humilde. É bom reforçar, humildade é fundamental para sua atividade. Aliás, no quesito humildade, é livre e irrestrita a imitação ao nosso fraterno repórter do *Planeta Diário*. Não se furte dessa prerrogativa.

RASCUNHO